



O fazer tradicional do crochê: Projeto 'Artesanias', design e as contribuições em qualidade de vida

Traditional crocheting: the 'Artesanias' project, design and its contribution to quality of life

Ana Célia Carneiro Oliveira¹, Sérgio Antônio Silva², Nadja Maria Mourão³ e Giucianne Vieira Rocha⁴

¹Universidade do Estado de Minas Gerais, Doutoranda em Design, ana.carneiro@uemg.br

²Universidade do Estado de Minas Gerais, Doutor em Literatura Comparada, sergio.silva@uemg.br

³Universidade do estado de Minas Gerais, Doutora em Design, nadja.mourao@uemg.br

⁴Universidade do estado de Minas Gerais, graduanda em Design de Produto,
giucianne.0196073@discente.uemg.br

Resumo. O artesanato é uma das formas mais tradicionais e duradouras de manifestação cultural, refletindo os saberes e valores de diferentes povos ao longo da história. Este artigo investiga e documenta as fundamentações do crochê como um fazer tradicional milenar, destacando as práticas desenvolvidas no projeto de extensão Artesanais, vinculado a uma instituição acadêmica das áreas de Design e Artes Visuais, na contemporaneidade. Adota-se o método qualitativo na pesquisa, com base na análise das relações entre o artesanato e o design, enfatizando suas contribuições sociais. Em determinados contextos, o design incorpora habilidades manuais como recurso para alcançar resultados estéticos e funcionais diferenciados. O crochê, nesse sentido, destaca-se como uma técnica versátil, que possibilita a exploração de diferentes materiais. Os resultados apontam que o crochê, enquanto expressão artesanal, configura-se como um promotor de qualidade de vida e emerge como um símbolo discursivo da busca por afeto e bem-estar na sociedade ocidental contemporânea.

Palavras-chave: Crochê; projeto Artesanias; qualidade de vida; design.

Abstract. Craftsmanship is one of the most traditional and enduring forms of cultural expression, reflecting the knowledge and values of different peoples throughout history. This article investigates and documents the fundamentals of crochet as a traditional craft dating back thousands of years, highlighting the practices developed in the Artesanais extension project, linked to an academic institution in the areas of Design and Visual Arts, in contemporary times. A qualitative research method is adopted, based on the analysis of the relationships between craftsmanship and design, emphasizing their social contributions. In



certain contexts, design incorporates manual skills as a resource to achieve differentiated aesthetic and functional results. Crochet, in this sense, stands out as a versatile technique that allows the exploration of different materials. The results indicate that crochet, as a craft expression, is a promoter of quality of life and emerges as a discursive symbol of the search for affection and well-being in contemporary Western society.

Keywords: Crochet; Artesanias project; quality of life; design.

1 Introdução

A cultura das atividades manuais desempenha um papel fundamental na formação e fortalecimento dos laços afetivos, sendo transmitida de geração em geração, para contribuir para a preservação das identidades culturais. E, o design, enquanto disciplina transdisciplinar, incorpora e dialoga com os saberes e fazeres tradicionais presentes na produção artesanal, promovendo a integração entre conhecimentos tradicionais e abordagens contemporâneas. Essa interação, que favorece a valorização das técnicas tradicionais na criação de objetos, possibilita a inovação e a sustentabilidade. Neste aspecto, destaca-se a valorização do ato do fazer, da relação afetiva e do corpo, quanto instrumento participativo.

Este artigo investiga e documenta as fundamentações do crochê como um fazer tradicional milenar, destacando as práticas desenvolvidas no projeto de extensão Artesanais, vinculado a uma instituição acadêmica das áreas de Design e Artes Visuais, na contemporaneidade. Adota-se o método qualitativo na pesquisa, com base na análise das relações entre o artesanato e o design, enfatizando suas contribuições sociais.

O artesanato constitui uma das formas mais tradicionais de manifestação cultural, caracterizando comunidades específicas. Esses objetos desempenham um papel fundamental na construção da identidade cultural dos indivíduos, ao mesmo tempo, em que estabelecem uma conexão simbólica pela produção de artefatos que refletem saberes, técnicas e expressões identitárias com o território. Além disso, o artesanato atua como um elo entre passado, presente e futuro, preservando tradições ancestrais, adaptando-se às dinâmicas contemporâneas, contribuindo para a manutenção e a valorização do patrimônio cultural. Deste o início da formação da vida em sociedade, as operações comerciais, necessárias para adquirir alimentos e artefatos, estimularam a criatividade e os processos artesanais de produção de objetos (Lampen, 2001).

Santos (2010, p. 03), confirma a afirmação, ao relatar que o artesanato surge concomitante com o “processo de evolução do próprio homem, uma vez que a partir de quando o ser humano se desenvolvia, a necessidade de materiais para sua subsistência aparecia”. Ou seja, o homem passou a manusear alguns materiais como polir pedras, tecer fibras e criar objetos de cerâmica entre outros.



A principal e mais importante característica do trabalho artesanal é o fato dele ser resultante de um trabalho criado pelas mãos, com sensibilidade, habilidade e apurado. O artesanato crochê é antecessor de processos industriais, trazendo na sua essência tradição e inovação, preservando memória, e paralelamente, requerendo mudanças sucessivas no modo de viver das pessoas (Digby, 2007).

Segundo alguns historiadores, os afazeres em crochê têm ascendência na Pré-história. A arte do crochê, como se aprecia presentemente, foi desenvolvida no século XVI. O escritor dinamarquês Lis Paludan (1995), buscou fundamentações sobre a origem do crochê na Europa e formando algumas hipóteses. Por exemplo, a hipóteses de que o crochê, oriundo da Arábia, se estabeleceu na Espanha pelos caminhos comerciais do Mediterrâneo. Há sinais posteriores da utilização de ornatos de crochê em cerimoniais da juventude, em tribos da América do Sul. Inclusive, na China, registra-se que as bonecas eram feitas com o mesmo artifício. No entanto, o autor assegura que não há uma evidência clara ou definitiva que indique o quão antigo ou ancestral seja arte do crochê. Contudo, Paludan (1995), indica que o crochê tem possivelmente sido adiantado mais espontaneamente do bordado chinês, uma forma muito antiga de bordado experimentado na Turquia, Índia, Pérsia e norte da África, que chegou a Europa.

Assim, não se sabe ao certo a origem do crochê, mas Veras (2007) destaca que, este estilo de artesanato amimava muito a Rainha Vitória em 1700, após ser difundido no Oriente médio, usado como repetição da renda. Em breve tempo, o crochê conquistou a realeza, apresentando-se mais sofisticado em texturas e diferente tipos de emaranhados. Segundo a autora, artefatos executados com linhas são adaptados conforme a tradição de cada região, atividade que era realizada pelas mulheres.

Dessa forma, a técnica do crochê está intrinsecamente relacionada à trajetória da história humana e às suas práticas cotidianas, constituindo-se como um legado histórico que remonta ao período das conquistas das navegações portuguesas, holandesas e inglesas. O crochê manifesta-se tanto na moda quanto na decoração, além de representar uma expressão de valor econômico significativo para muitas mulheres, especialmente aquelas que vivem no interior ou na capital, que utilizam essa técnica como meio de subsistência ou fonte de renda. Destaca-se que as mulheres sempre desempenharam funções mantenedoras de tradições, tanto em famílias abastadas quanto nas mais pobres. Contudo, devido às transformações nas atividades econômicas em sociedades urbanas ao longo do século XX, as práticas artesanais tornaram-se mais escassas (Andrade, 2017).

O artesanato é uma das formas mais tradicionais e duradouras de manifestação cultural, refletindo os saberes e valores de diferentes comunidades ao longo da história. Por meio do design, podem emergir novas possibilidades de inclusão — social, afetiva e até comercial — para o artesanato, adaptando-o às demandas contemporâneas (Carli *et al.*, 2011).



Cerqueira (2012) as técnicas do crochê associadas as possibilidades que surgem com os diferentes materiais, conduzem à efetivação da memória coletiva, por meio de artefatos tangíveis, ou seja, da peça confeccionada artesanalmente. Os aspectos imateriais permitem a interpretação das relações entre as amostras simbólicas e ao desenvolvimento das identidades culturais, em harmonia com a técnica empregada ao artesanato.

A memória coletiva constitui-se como fundamento das construções sociais humanas, pois, como afirma Maurice Halbwachs (1990), é por meio dela que os indivíduos compartilham referências comuns que orientam a construção de identidades, valores e práticas sociais. A transmissão da memória coletiva assegura a continuidade e a vivência intergeracional de modos de vida que estruturam e orientam as dinâmicas culturais dos grupos sociais. De acordo com Candau (2011), esse artifício garante que toda a estrutura existente na sociedade atual se prevaleça, pois, em sua falta se perde tanto a socialização, quanto a educação, e se freia também a existência de uma identidade cultural.

Se o homem não é um 'homem nu', mas um ser social, se ele pode ignorar a cifra de um ou dois milhões de neurônios que perde quotidianamente a partir dos 30 anos, é porque a transmissão contínua de conhecimentos entre gerações, sexo, grupos, etc. lhe permitem aprender tudo ao longo de sua vida, e, ao mesmo tempo, vem satisfazer seu instinto epistêmico (Candau, 2011, p.106).

A principal característica do ser humano reside em sua capacidade de produzir cultura, a qual, por sua vez, o constitui e o reflete enquanto sujeito social e histórico. A cultura é tudo o que o humano e o trabalho humano realizam ao modificarem a natureza e conferirem significados ao que fazem e ao próprio ato criador do fazer. "O processo social de criação de cultura é o que atribui ao homem à possibilidade de se garantir como um ser de consciência. Um sujeito que habita de modo singular ao mesmo tempo, à sociedade e a história" (Brandão, 1988, p. 46).

Os artefatos derivados da ação humana, cheios de memória, de originalidade e de histórias, mas podem estar cheios de significados, simbologias que simulam o lugar almejado de vivências humanas. Atualmente, observa-se uma valorização cada vez maior dos elementos e habilidades que compõem a essência cultural de uma sociedade. São artefatos que funcionam como elos de uma memória coletiva ou individual.

Os artefatos resultantes da ação humana carregam memórias, originalidade e narrativas, estando frequentemente impregnados de significados e simbologias que evocam vivências e lugares idealizados pela experiência humana. Na contemporaneidade, observa-se uma valorização crescente dos elementos e saberes que compõem a essência cultural de uma sociedade. Esses artefatos atuam como mediadores simbólicos entre o passado e o presente, operando como elos de uma memória coletiva ou individual. Segundo Pierre Nora (1993), tais objetos podem ser compreendidos como 'lugares de memória', nos quais se cristalizam identidades, afetos



e experiências compartilhadas, contribuindo para a construção da consciência histórica e da coesão social.

Atualmente, a prática do crochê representa, para determinados segmentos do público, uma forma de introspecção e de realização subjetiva por meio do saber-fazer manual. Depoimentos de artesãos e artistas revelam que, ao crocheter, muitos experimentam um afastamento temporário das tensões do cotidiano. Essa constatação é fundamentada em uma pesquisa online realizada em 2020, a qual investigou os saberes e fazeres associados à produção artesanal em crochê, considerando tanto as interações nas redes sociais quanto os contextos físicos — internos e externos — de criação.

2 Crochê com Design

A concepção contemporânea de design amplia sua atuação no âmbito social à frente da relação design, produto, comunicação e mercado. Papanek (1985) defende o conceito de que os designers e profissionais de criação podem causar mudanças positivas no mundo por meio de um bom design. Muito além de atender somente ao processo de projeto de produtos ou serviços, o design tem sua aplicabilidade na sociedade e deve contribuir para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar subjetivo.

A tradição dos modos de fazer manuais é valorizada como prática sociocultural e como potencial para o desenvolvimento local. O processo de aprendizagem intergeracional tende a se perpetuar nos territórios em que a memória coletiva é reconhecida como um valor cultural essencial. Nestas localidades, a memória coletiva atua como um dispositivo social imprescindível para o fortalecimento de economias locais baseadas na cultura (Oliveira; Mourão, 2020).

Seguindo o pensamento de Cardoso (2008, p. 21), design, arte e artesanato têm muito em comum e hoje, “[...] quando o design já atingiu uma certa maturidade institucional, muitos designers começam a perceber o valor de resgatar as antigas relações com o fazer manual”. O autor completa que, na conceituação tradicional, o debate entre design e artesanato convive, verdadeiramente, no fato de que o designer se atém a projetar o objeto para ser produzido por outras mãos ou, de primazia, por meios mecânicos. Contudo, acerca das fronteiras entre o Campo da Arte, o Campo do Design e o Campo do Artesanato é que os fatores determinantes para que essa separação se dê, são casos flexíveis e variantes.

Torna-se imprescindível a consideração que Noronha (2021) efetua acerca da razão do viver, do fazer e do mundo que o humano compõe e gera seus ambientes.

Quando Tim Ingold nos propõe a estarmos vivos (Ingold, 2011) e a nós relacionarmos intersubjetivamente com as coisas, materiais, ambientes e seres de todos os reinos, estamos despertando uma forma engajada e atencional de viver: estamos nos correspondendo com o mundo vivido e seus fluxos, gerando conhecimento, ou se apropriando dele, a partir das entranhas da experiência vivenciada – “o conhecimento que vem de dentro”, nas



palavras de Ingold. Conhecer, apreender, são práticas de correspondência, na qual movimento e ambiente são o que fazem a vida acontecer – estamos em um mundo cognoscível, um oceano de infinitas possibilidades que nos insta a nele mergulhar com inteireza e com a complexidade que nos constitui, não a partir da racionalidade, mas da interação profunda e multidimensional com este mesmo mundo (Noronha, 2021, p. 16).

Ou seja, o fazer com as mãos, desenvolver técnicas entre as gerações, estabelecer as identidades, reconhecer o ambiente constituído, são elementos natos do processo evolutivo, que conduzem a reflexão das ‘coisas importantes’, por mais simples que sejam.

Atuar nos cenários contemporâneos — caracterizados por dinamicidade, fluidez, mutabilidade e complexidade — tem se configurado como um desafio para os designers. A busca por atributos intangíveis nos bens de consumo tem exigido uma atuação mais sensível e integrada, promovendo a interação do design com outras áreas do conhecimento e fomentando uma prática colaborativa e interdisciplinar (Moraes, 2010).

A colaboração, embora inerente aos processos humanos, frequentemente é tratada de forma difusa ou despercebida, muitas vezes reduzida pelo senso comum. No entanto, dentro de uma nova realidade de consumo, o design colaborativo adquire protagonismo, exigindo uma transformação que transcenda o mero redesenho técnico do processo projetual, orientando-se por uma abordagem mais humana e relacional (Coutinho et al., 2010).

O projeto “Design para a Felicidade” atua diretamente nos fazeres e saberes manuais utilizando as ferramentas do design. Na figura 1, apresentam-se modelos diversos de técnicas de crochê em almofadas, visto que, para cada modelo, são resgatados métodos, técnicas e os modelos do fazer geracional. Em respeito ao conhecimento herdado por gerações antecessoras de designers da contemporaneidade. Estes profissionais, resgatando a memória familiar, aprimoraram as relações com o fazer manual, através do projeto “Design para a Felicidade”.

Figura 1 - Almofadas executadas por designers, técnicas de herança familiar.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2022).



O fazer manual do artesanato pode ser considerado como um exercício para o pensar design (Correia, 2003). Um pensar, segundo Maturana (2002), com sentimentos, quando relata as emoções como uma parte natural do homem, que estão sujeitos a ela, é no emocionar que conseguem agir, ou seja, produzir, interagir, pensar e racionalizar. O emocionar está unido ao convívio social, assim sendo, o afeto, ou as relações afetivas com o artesanato, atuam como ferramenta cultural e social.

Com efeito, ainda somos animais colheitadores, e isso é evidente tanto no bem-estar que sentimos nos supermercados quanto em nossa dependência vital da agricultura; ainda somos animais compartilhadores, e isso é evidente na criança que tira comida de sua boca para dar à sua mãe, e no que acontece conosco quando alguém nos pede uma esmola; ainda somos animais que vivemos na coordenação consensual de ações, e isso vemos na facilidade com que estamos dispostos a participar de atividades cooperativas, quando não temos um argumento racional para recusá-las; [...] (Maturana, 2002, p.24).

Para o designer de ambientes, os efeitos comportamentais dos humanos atualmente cercados de consequências, conduzem a reflexão sobre a resignificação do lugar do humano no mundo, seus sentimentos de pertencimento do ambiente com suas ambiências, principalmente neste estudo, em um ambiente institucional de ensino em design e as suas relações afetivas sociais.

Os reflexos causados pelo isolamento social devido à pandemia do novo coronavírus conduziram a pesquisas de observação sobre as mudanças comportamentais das pessoas, neste estudo, em uma instituição de ensino de design e artes visuais. O designer, por suas habilidades de investigador e analista, debruça sobre o prisma dos efeitos estabelecidos na sociedade, comparando-os com dados antecessores. Atividades “caseiras” e o fazer manual estenderam-se em arranjos de equilíbrio mental ou distração para a sociedade que estava confinada em seus lares.

Segundo (Ibarra, 2021, p. 07), “nossa mente se estende às nossas mãos, pés, pele, ao corpo todo e aos seus movimentos. Essa extensão vincula a mente e o corpo. Não pensamos e, depois, fazemos. Pensamos fazendo e nos deixando afetar pelo mundo”. A emoção é, portanto, parte do processo, sentimentos que, somente aqueles que se identificam, sabem o valor do crocheter. Um fazer que demanda aprendizagem e prática, ações fortalecidas nas relações entre os que ensinam e aprendem, em experiências compartilhadas. Nesse campo do saber, há uma motivação para encontrar ambientes favoráveis para as realizações pessoais.

O crochê, como exemplo de uma produção artesanal passível de ser criador de qualidade de vida, torna-se símbolo discursivo da busca constante pelo afeto na nossa sociedade contemporânea ocidental. Luciano (2016, p. 11), relata que “os seres humanos de ontem eram menos estressados, mais alegres, mais otimistas e mais verdadeiros. Hoje, predomina-se a depressão, a desconfiança, a perda e, sobretudo, ‘o querer’ para não ser ridicularizado”. O autor afirma que, o humano do século XXI não é máquina, embora, mas tem a sensação de que necessita ser para alcançar o que a tecnologia apregoa nos meios de comunicação.



No entanto, o fazer crochê, na atualidade, vem se tornando um passatempo saudável que proporciona equilíbrio e tranquilidade para as pessoas que assim o utilizam. “Observa-se que médicos e psicólogos já recomendam atividades artesanais, como o crochê, no tratamento de doenças como o Alzheimer e Parkinson. O crochê estimula a capacidade de concentração, proporcionando alívio da ansiedade e diminuindo a angústia” (Oliveira *et al.*, 2020, p.2). Deve-se observar os cuidados com o corpo, mantendo uma boa postura e cuidando da visão ao executar o crochê.

O crochê, normalmente, é ensinado de uma pessoa para outra, após uma experimentação com linha e agulha. Desta forma, deve-se seguir o passo-a-passo, cada laçada, que conduz ao resultado de um produto completo. Ou seja, antes de tudo, é preciso conhecer os materiais necessários, quais as proporções e técnicas utilizadas. Contudo, para artistas criativos e inovadores é preciso experimentar e inovar, com a possibilidade de ocorrer um erro entre os pontos e ter que desmanchar todo o trabalho executado e recomeçar, a partir da parte que se registrou o erro nos pontos do crochê.

O saber-fazer surge da experimentação de sentir as etapas, em um contexto de construção do conhecimento e da importância no processo. Trata-se ato do sentir entre as pessoas envolvidas, com os sentidos das ações. Sob essa perspectiva, “atos humanos pressupõem saberes na elaboração de coisas, escolhas nas formas de manifestá-los e, assim, conjugam materialidades e imaterialidades inseparáveis” (Menezes, 2009, p.21).

Em determinados contextos, o design incorpora habilidades manuais como recurso para alcançar resultados estéticos e funcionais diferenciados. O crochê, nesse sentido, destaca-se como uma técnica versátil que possibilita a exploração de diferentes materiais — como fibras vegetais e sintéticas em diversas cores — e formas inovadoras. Suas aplicações se estendem a múltiplos campos, como a moda, o design de interiores e exteriores, abrangendo desde produtos de grife e expressões artísticas até iniciativas de cunho social e comunitário.

Essa perspectiva dialoga com o campo do design social, que propõe uma atuação sensível às realidades locais e às dinâmicas comunitárias (Manzini, 2015), bem como com as abordagens de design e artesanato, que reconhecem a importância das práticas manuais na preservação e reinvenção de identidades culturais (Dormer, 1997; Cavalcanti, 2011).

O trabalho do designer, além do desenvolvimento de análises e aplicação de métodos e ferramentas para obtenção dos resultados, se constitui, de modo inclusivo, no conhecimento técnico-científico. Este conhecimento pode contribuir no atendimento para suprir as necessidades de produção do artesanato, obtendo melhor qualidade dos produtos de forma sustentável. Ponte e Niemeyer (2013), destacam o potencial do designer como agente de transformação social, que, com suas habilidades técnicas e criativas, pode estimular novos comportamentos, valores e novas formas de se pautar e apreender o mundo.

Evidencia-se a importância do contato de gerações mais novas, com as gerações



formada por pessoas idosas, que preservam a memória do contexto familiar. Relações afetivas que possibilitam a permanência das tradições, respeito e bem-estar. O crochê, neste caso, representa a união entre o passado e o presente, uma continuidade aos valores sociais, em futuros desejáveis.

Noronha (2021) esclarece que o processo evolutivo do design tem características próprias, conforme o processo evolutivo da sociedade:

O design nasce sob a égide do projeto – etimologicamente lançar à frente – imaginando e criando caminhos para resolver problemas dados, dentro de uma perspectiva industrial, inicialmente. Com o tempo, englobou os discursos e práticas sobre o bem-estar, a responsabilidade social e a produção de sentido cultural, e a participação – ainda dentro da mesma espécie – é um primeiro passo, desconstruindo, ainda que lentamente, a centralidade do ocidental, do masculino, do capitalismo, dentro dos processos de design (Noronha, 2021, p. 16).

A tradição dos modos de fazer manual é estimulada como vivência e como economia social importante para o desenvolvimento local. O aprendizado entre gerações tende a se preservar nos lugares, onde a memória se faz como valor cultural imprescindível. Ou seja, onde a comunidade considera a preservação dos valores herdados de gerações antecessoras, como elemento fundamental para a cultura (Mourão; Oliveira, 2020).

3 Projeto Extensionista ‘Artesanias’

Este projeto, denominado afetivamente como ‘Artesanais’, foi constituído para ser executado como um espaço do “fazer”, através de oficinas presenciais, de troca de saberes e de acolhimento afetivo para estudantes, professores e funcionários. Assim, em um ambiente institucional acadêmico com propostas de ambientes de desconpressão. O projeto torna o ambiente de trabalho acadêmico estressante em oportunidade para o relaxamento e a descontração dos usuários durante a pausa das atividades. O objetivo é que os discentes, docentes e funcionários se desconectem do trabalho, por um breve tempo, que aliviem o estresse, retornando às tarefas mais revigorados e produtivos. Em diversos ambientes de trabalho e atividades coletivas, no mundo contemporâneo, as pessoas necessitam de lugares que possam ajudar a lidar com sobrecarga sensorial e emocional, evitando crises e comportamentos agressivos.

O projeto Artesanias espera contribuir para o bem-estar, atendendo as pessoas de qualquer idade ou gênero, através da importância do fazer artesanal como um elemento inspirador e motivador para o bem-estar social subjetivo. Ele propõe a utilização sustentável de recursos por meio do aproveitamento de doações e do compartilhamento de materiais essenciais à prática do crochê, como linhas sintéticas, de algodão ou lã. Essa lógica de reaproveitamento contribui não apenas para a redução de desperdícios, mas também para a valorização de práticas colaborativas e circulares. Através das trocas de saberes e experiências no âmbito das habilidades manuais, busca-



se promover impactos positivos em múltiplas dimensões: o fortalecimento da geração de renda entre os grupos participantes, a ampliação do bem-estar subjetivo e a ressignificação do ambiente acadêmico como um espaço de afeto, acolhimento e construção coletiva.

Com o objetivo geral de incentivar práticas artesanais como o crochê, em pequenos grupos sociais, por meio de um design afetivo, para proporcionar melhoria do bem-estar subjetivo em ambiente acadêmico. E como os objetivos específicos de entender os diferentes públicos que buscam as práticas das artesanais manuais; realizar oficinas de troca de saberes artesanais tradicionais, com a participação de alunos, professores, funcionários e voluntários, para incentivar o acolhimento afetivo em ambiente acadêmico e a formação de multiplicadores; desenvolver o potencial criativo dos grupos participantes, a partir das práticas artesanais manuais e do design afetivo, inclusive para a geração de renda e proporcionar diretrizes para o bem-estar subjetivo em ambiente acadêmico, utilizando os resultados das oficinas e encontros de troca de saberes e dos produtos desenvolvidos pelo grupo, em exposições, feiras comerciais, redes sociais, entre outros.

Inicialmente, a partir de 2020, foram realizadas revisões de literatura sobre a temática, desenvolvimento e publicações de artigos relacionados ao objeto da pesquisa, durante o período de isolamento e impacto social, questões resultantes da pandemia causada pelo Covid.19. Em etapa de experimentação, buscando a comprovação que o crochê realmente contribui para o equilíbrio emocional das pessoas, realizou-se um projeto de atividades extensionistas, durante o período de 2022 a 2024. A proposta envolveu a participação de estudantes, professores e funcionários da instituição, utilizada como local para estudo de caso. A técnica do crochê se constituiu na base principal do projeto, empregando também outras atividades manuais e a possibilidade de atuação do design. Durante os encontros sociais, com as pessoas que aprendem ou que praticam crochê, obtiveram-se declarações diversas em sentimento de alívio, satisfação e de lazer por utilizarem o crochê como estabilizador emocional. Destaca-se que o lazer "é um conjunto de atividades que podem proporcionar repouso, divertimento, formação desinteressada após o indivíduo livrar-se das obrigações profissionais e familiares" (Dumazedier, 1973, p.34).

Entendendo a busca do equilíbrio emocional, conceitua-se a Arteterapia, que de acordo Fonseca (2015; p. 52), é "uma atividade terapêutica que atua na prevenção, recuperação e manutenção da saúde psíquica do indivíduo por mediar, através da utilização de diferentes técnicas artísticas, a comunicação do indivíduo consigo mesmo". Trata-se de um recurso que promove o aparecimento de emoções e de sentimentos que formam o inconsciente.

Buscou-se compreender as razões pelas quais a prática do crochê, além de constituir uma atividade produtiva, é frequentemente associada a benefícios terapêuticos. Assim como outras ocupações manuais que envolvem o uso de linhas, agulhas e movimentos repetitivos, o crochê insere-se no conjunto de práticas



consideradas prazerosas e afetivas, com potencial para promover bem-estar emocional e auxiliar no tratamento de transtornos como ansiedade, depressão e dor crônica. Tais efeitos estão relacionados à liberação de neurotransmissores como a dopamina, que está diretamente envolvida na regulação do prazer, da motivação e da sensação de recompensa, conforme Santos (2022). O autor relata que a dopamina está conexa com o chamado “sistema de recompensa” - que é uma rede neuronal no cérebro que entusiasma espontaneamente as emoções dos seres humanos. Avalizando o entusiasmo para executar algumas agilidades, como a percepção de bem-estar subjetivo, quando comemos ao ter fome. Assim que os neurônios humanos são acionados, eles aprovam a dopamina no cérebro humano, intensificando a percepção de prazer.

Os seres humanos se entristecem ou se alegram de maneira espontânea, segundo DePaulo e Hortiz (2000), em implicação de eventos da vida. Essa experiência, de altos e baixos diários, no afeto humano, é universal e natural. Muitas vezes, é preciso criar uma transformação de mentalidade, que possa levar o humano a imaginar e criar um futuro farto, focando seu conhecimento e sua energia no fortalecimento do coletivo ao seu redor; do reconhecimento “de que os recursos materiais e imateriais deste mundo não precisam ser limitados; e de que é desnecessário brigar por recursos, bem como sentir que se estamos competindo por eles (Gallardo; Campayo, 2024, p. 09). Em vez disso, a coletividade entre os humanos pode os levar a uma nova era de bem-estar subjetivo e social. “Em tempos de mudanças intensas, é preciso adotar o pensamento exponencial, que transcende limitações de tempo e espaço, e maximizar nossa capacidade de atuar de forma colaborativa e produtiva, bem como a habilidade de levar uma vida mais criativa e resiliente” (Gallardo; Campayo, 2024, p. 10).

Uma mudança de pensamento pode ser difícil para as pessoas, e consequentemente, em empresas e governos. Felizmente, as pessoas, geralmente, se sentem interessadas em transformar o mundo em um lugar melhor. As pessoas felizes podem ser encontradas em qualquer lugar, são ativistas, empreendedores sociais, pesquisadores, professores, profissionais de saúde ou simbólicos que buscam expandir a consciência humana e a conexão a uma realidade que transcende os humanos (Gallardo; Campayo, 2024).

Assim, em relação à saúde, o crochê, além do prazer gerado pela dopamina, é uma excelente atividade do ócio criativo, capaz de promover ações sociais. Dessa forma, “(...) a arte permite ao ser humano a liberação de seus sentimentos e emoções, aumentando a qualidade afetiva das relações interpessoais, pela melhora da comunicação, fortalecimento da autoimagem e redescoberta de potenciais criativos” (Guedes *et al.*, 2017, p. 731).

A elaboração de um produto de artesanato, em especial as atividades de crocheter, ajudam a elevar a autoestima e a autoconfiança. Reforçando o ego, a arteterapia direciona a subjetividade, tornando-se cada vez mais estruturada no percurso de sua autonomia ou autoria de pensamento. Favorecendo a relação com o outro, o indivíduo tem a possibilidade de se sentir incluído ou fazer parte de um grupo,



desenvolvendo sentimentos de companheirismo, satisfação, identificação, semelhança, apoio, proteção e ajuda (Guedes *et al.*, 2017, p. 739).

Como diretriz para a atividade de fazer crochê deve-se seguir a “receita” ou o passo-a-passo para execução, que conduz ao produto completo. Ou seja, antes de tudo, é preciso saber quais serão os materiais necessários, quais as proporções e técnicas utilizadas. Muitas peças são pré-estabelecidas por serem experimentadas anteriormente, ou seja, deve-se elaborar um modelo. Essa é uma atividade que o grupo do Projeto Artesanias desenvolve em suas oficinas.

Observa-se que cada participante das oficinas experimenta um jeito de diferente de segurar a agulha e a linha, por exemplo, na técnica do crochê; e a partir de pontos básicos como a correntinha, dos pontos baixo e do alto o artesão aprendiz vai ganhando autonomia e segurança, esta que o estimula até a começar a ensinar, tornando-se multiplicadores; diga-se de passagem, que “correntes de afeto”, são construídas naquele momento. Na figura 2, apresentam-se imagens das atividades para ensino e apresentado do crochê em que as mãos e a relação entre os envolvidos, se interagem no processo do fazer. Uma interação que aponta para a sociabilidade humana. Segundo Gallardo e Campayo (2024), um sistema de contentamento, calma, segurança e de bem-estar subjetivo, que atrelam as pessoas e consente manter-se o equilíbrio em ocasiões de estresse. Esse circuito se ativa em laços seguros de vínculo; aqui “em adultos, ao desenvolverem relacionamentos satisfatórios, significativos e colaborativos” (Gallardo; Campayo, 2024, p. 13).

Figura 2 - Imagens do processo de ensinar e aprender o crochê em atividade coletiva.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2022).

Os encontros para produção artesanal coletiva, em troca de saberes e fazeres, realizam-se sistematicamente, duas vezes ao mês, no formato presencial. Os encontros ocorreram no período alternativo entre os turnos acadêmicos da tarde e antes das aulas no período noturno, com duas horas de duração, conforme disponibilidade dos participantes. Foram realizadas várias oficinas de crochê, durante os períodos letivos, onde foram ensinados pontos diversos para a confecção de blusas, porta-lápis, óculos e maquiagem, luvas e bolsas. As pessoas que conheciam as técnicas ensinavam a outras



que estavam aprendendo. Essa forma colaborativa promoveu um vínculo afetivo e estimulante entre as pessoas que participaram dos encontros. Percebeu-se que as participantes ficavam com muita expectativa de um encontro para outro.

O projeto Artesanais incluiu também alguns minicursos, como o de produção de amigurumis, que foram desenvolvidos sequencialmente em três ou mais encontros; visando finalização de um produto.

Os amigurumis de crochê são pequenos bonecos tridimensionais feitos com técnicas de crochê, utilizando geralmente o ponto baixo em espiral, e caracterizados por formas simplificadas, aparência lúdica e estética afetiva. Originários do Japão, os amigurumis combinam as palavras japonesas *ami* (malha, tricotado ou crochettato) e *nuigurumi* (bichinho de pelúcia), e se popularizaram globalmente a partir dos anos 2000, tanto como itens decorativos quanto como brinquedos e expressões artísticas (Turney, 2009). Essas peças são frequentemente produzidas com enchimento interno e podem representar personagens, animais, objetos ou figuras humanas estilizadas. No design contemporâneo e no artesanato, os amigurumis se destacam não apenas por seu valor estético, mas também por seu potencial terapêutico e social - sendo utilizados em atividades pedagógicas, projetos sociais e práticas de bem-estar.

Na figura 3, algumas imagens das oficinas realizadas com a participação de estudantes, funcionárias e professoras. O gênero feminino foi o mais constante durante as atividades. No entanto, alguns outros gêneros também participaram do Projeto Artesanais.

Figura 3 - Ambiente oficina minicurso amigurumis.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).

As inscrições para participação nas oficinas foram realizadas previamente em período anterior das atividades, solicitando em formulário próprio que os participantes



se comprometessem com a realização das propostas, pois é necessário documentar a coleta de dados. Os encontros presenciais foram realizados em ambientes previamente selecionados, dentro da instituição de ensino acadêmico, objeto de estudo deste trabalho. Os ambientes são constituídos com mesas amplas, boa iluminação e temperatura adequada para às atividades artesanais, estabelecendo, inclusive, o compartilhamento de lanche e música (figura 4).

Figura 4 - Ambiente para as oficinas de crochê, com estímulos sensoriais.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2022).

No desenvolvimento das atividades do Projeto Artesanais, observou-se a relevância da interpretação do fazer manual como um processo significativo de construção simbólica e técnica. Cada ponto executado no crochê participa ativamente da conformação do objeto final, evidenciando a complexidade e a intencionalidade envolvidas na prática artesanal. Nas bases da Linguagem visual “o ponto é a unidade de comunicação mais simples e irredutivelmente mínima” (Dondis, 2000, p. 53). Pode-se observar que no crochê, os primeiros pontos, ainda que simples, promovem um grau de importância em todos os trabalhos começados. Assim, a linha descreve uma forma e os pontos do crochê através das linhas vão se compondo em múltiplas ideias que a mente pode conceber.

Observa-se que, no decorrer do processo, os espaços destinados à prática do crochê não se restringem a oficinas coletivas ou eventos programados. A atividade ultrapassa esses limites formais e se integra de maneira orgânica ao cotidiano dos participantes. Crocheteiros e crocheteiras, ao identificarem condições favoráveis em seus contextos imediatos, mobilizam seus materiais — agulha e linha — e passam a crochetar, transformando qualquer espaço em um lugar de criação. Docentes, discentes e funcionários se espalham pela escola em diversos espaços, construindo até lugares em não-lugares. Assim, as práticas manuais não ficaram restritas ao ambiente das oficinas, elas se multiplicaram pela unidade acadêmica e em quaisquer ambientes. Essa prática cotidiana e móvel pode ser compreendida à luz da noção de habitar em movimento (Ingold, 2011), onde o fazer está em constante relação com o ambiente e com os fluxos



da vida diária.

A experiência da junção de design afetivo, voltado para o bem-estar subjetivo e social e artesanato contribuiu fortemente para a criação de um ambiente de ensino e aprendizado harmonioso e afetivo. Além da troca de saberes das Oficinas de Artesanias e o estímulo da aplicação dos produtos manuais no design, notou-se o surgimento de novos vínculos emocionais e melhoria nas interações entre estudantes, discentes, funcionários e voluntários no contexto acadêmico, ampliando as perspectivas de melhoria na qualidade de vida dos envolvidos e o enriquecimento do artesanato. Este último, rico em significados, proporciona um reforço significativo da autoestima para seus adeptos.

Um aspecto relevante identificado no âmbito do projeto é a potencialização da produção artesanal como meio de geração de renda. Alguns participantes têm demonstrado interesse em aprender modelos de crochê com apelo comercial, visando à venda dos produtos confeccionados. Atualmente, parte dessa produção já está sendo comercializada no ambiente institucional, seja entre colegas, seja por meio da participação na 'Feirinha da EDA', feira organizada por outro projeto de extensão que promove encontros semestrais voltados ao empreendedorismo e à economia solidária. Além da comercialização, algumas peças são ofertadas como presentes, fortalecendo os vínculos interpessoais e promovendo o reconhecimento das práticas manuais como mediadoras das relações sociais no contexto acadêmico.

O Projeto Artesanias promove experiências que transcendem o mero manuseio de linhas e agulhas, constituindo-se como um espaço de trocas significativas entre os participantes. As interações ocorrem em ambientes diversos, tanto no interior quanto no entorno da instituição acadêmica, evidenciando o caráter aberto e inclusivo da iniciativa. Ao longo de sua execução, observou-se um aumento progressivo no número de participantes. Na primeira edição do projeto, registrou-se a participação de 65 pessoas em 13 encontros; na segunda edição contabilizou-se 163 pessoas presentes em mais de 30 encontros. Destaca-se, ainda, a crescente inclusão de pessoas com deficiência — sejam elas físicas ou cognitivas — reafirmando o compromisso do projeto com a acessibilidade, a diversidade e a promoção de ambientes acolhedores no contexto universitário.

As oficinas de crochê integram um conjunto diversificado de ações promovidas pela instituição acadêmica, funcionando como estratégias de acolhimento, sensibilização e mobilização social no ambiente universitário. Tais atividades são realizadas em diferentes contextos, incluindo eventos institucionais, como a abertura do semestre letivo, nos quais as oficinas contribuem para a recepção afetiva e integrativa dos calouros, promovendo um ambiente acolhedor e colaborativo. Além disso, oficinas temáticas são desenvolvidas em datas comemorativas com o intuito de articular práticas manuais a causas sociais relevantes.

No Dia das Mães, por exemplo, as oficinas possibilitaram aos participantes



expressarem sentimentos de gratidão e afeto por meio da confecção de peças artesanais. No âmbito de campanhas de saúde e conscientização, destacam-se as oficinas realizadas durante o “Outubro Rosa”, quando foram produzidos coletivamente centenas de laços rosa em crochê, distribuídos nos espaços da instituição visando estimular a reflexão sobre a prevenção e o diagnóstico precoce do câncer de mama. De forma semelhante, durante o “Novembro Azul”, foram confeccionados laços azuis que também foram amplamente distribuídos, ampliando o alcance da campanha de conscientização sobre a saúde masculina. Os laços permaneceram disponíveis em pontos estratégicos da instituição, acessíveis a toda a comunidade acadêmica, ampliando o impacto simbólico e comunicacional da ação.

Outras oficinas tiveram caráter solidário, com foco na doação de peças confeccionadas. Destacam-se as oficinas 'Cachecóis da Esperança', nas quais foram produzidos cachecóis em crochê destinados à doação, bem como as oficinas voltadas à produção de 'quadrinhos de crochê', que posteriormente compuseram mantas e sapatinhos. Tais ações fomentaram o sentimento de empatia e engajamento social entre os participantes, evidenciando o potencial do fazer manual como prática pedagógica, afetiva e cidadã no contexto da extensão universitária, conforme as imagens da figura 5.

Figura 5 - Oficinas de lacinhos e eventos sociais para doações.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).

Anualmente, no mês de dezembro, os participantes se reúnem para a criação da Árvore de Natal da Instituição acadêmica utilizando a técnica do crochê. A cada novo resultado, novas peças são confeccionadas e espaços de instalação itinerantes dentro da instituição. A ‘Árvore dos Desejos’ foi a proposta desenvolvida em 2024, com foco nos desejos de cada pessoa. Ela foi adornada com estrelinhas de crochê em diversas cores, simbolizando afeto e criatividade. Papéis em formatos circulares e canetas foram disponibilizados para que os frequentadores registrassem seus desejos, sonhos e intenções para o novo ano. Cada mensagem escrita foi trocada por uma estrelinha de crochê, num gesto simbólico de troca e acolhimento. Ao final da intervenção, a árvore ficou repleta de sonhos e esperanças compartilhadas por todos que participaram,



transformando o hall de entrada da instituição acadêmica em um espaço de sentimentos genuínos e conexões afetivas.

Figura 7 - A árvore do ano de 2024 – ‘Árvore dos Desejos’.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2024).

Para finalizar, optou-se por apresentar na figura 8, diversas imagens de encontros de compartilhamento dos saberes e fazeres, além dos tópicos de motivação, durante os encontros do “Artesanais”. Segundo relatos dos participantes, o Projeto Artesanias consolidou-se como um espaço de acolhimento e construção de novas relações interpessoais entre estudantes, docentes, técnicos-administrativos e até ex-alunos, que, mesmo após a conclusão da graduação, seguem engajados nas atividades propostas.

Figura 8 - Registros durante os encontros do Artesanais.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).



O projeto também se propôs a observar e investigar a presença e os desdobramentos do crochê no contexto contemporâneo, tanto no Brasil quanto em outros países, destacando tendências, práticas e referências relevantes em cada ano de realização das atividades extensionistas.

4 Resultados e Considerações

O termo bem-estar subjetivo passou a ser evidenciado nas últimas décadas. Em relações tão complexas no mundo atual, é preciso entender as formas e manifestações afetivas que emanam das pessoas para um objeto. Uma delas, ou talvez a principal, é o amor. Há relatos de amor por um produto, por personagens, pelo saber fazer, entre tantas formas de vínculos que estão em estudos. Sentimentos como conforto e segurança, muitas vezes se relacionam com o bem-estar subjetivo, ou seja, a felicidade.

As técnicas do crochê se adequaram à rotina moderna das novas gerações, aplicam-se novos conceitos, novas tendências, novos métodos e mesmo novas significações às memórias, a fim de mantê-la não apenas como objeto de recordação dos antepassados, mas como parte cultural dos povos ainda integrante do seu modo de vida.

Assim, nas descrições e análises do ato de crochetar, pode-se entender que não é uma simples atividade do fazer manual, mas também realiza a preservação dos fazeres tradicionais. O fazer manual em crochê pode ajudar em todo o processo e ser um instrumento efetivo para desenvolvimento de agilidades criativas e significativas.

O artesanato do crochê representa a junção do sentir, do fazer e da expressão de uma cultura local. Por meio de oficinas do projeto de extensão 'Artesanias' no contexto social de uma instituição de ensino, estimula-se uma relação emocional mais intensa do indivíduo com o meio que habita e sua cultura. Mediante escuta, fala e troca, formou-se um ambiente de apoio mútuo que envolveu tanto as questões acadêmicas quanto os pessoais. As práticas manuais ultrapassaram os limites das oficinas, se espalhando pela universidade. Observaram-se participantes compartilhando as técnicas adquiridas com pessoas fora do projeto.

Sob o olhar do design e suas contribuições sociais, espera-se estimular a expansão do fazer manual em crochê, tanto no processo satisfatório do fazer, quanto em produtos com melhor qualidade e durabilidade, dentro da instituição de ensino em design e arte. Além do reconhecimento acadêmico e o uso do projeto como estudo de caso em uma pesquisa de doutorado evidenciam sua relevância e impacto positivo. Novos experimentos estão sendo planejados para expandir suas ações para além do ambiente acadêmico, reforçando o papel do projeto como um provedor de ambiente acolhedor e transformador.

Portanto, observou-se que o ofício de crochetar continua a existir, como uma forma de lazer e em projetos de design, arte e intervenções sociais. A afetividade oriunda deste processo poderá proporcionar novas experiências em projeto. Os laços



do fazer entre as gerações podem e devem permanecer fortalecidos pelos fazeres, abrindo caminhos para a inovação.

5 Referências

- ANDRADE, Louise dos Reis Gusmão. **Um lugar de memória**: a subjetividade do bordado na instalação artística. Monografia em Artes Visuais - UFRN, Natal, 2017.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliensis, 1988.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Blucher, 2008.
- CARLI, Ana Mery Sehbe de. et al. 2011. Design e artesanato: novidade e tradição, um diálogo possível. **Redige**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 430-440.
- CAVALCANTI, L. **Design e artesanato**: o debate e a prática no Brasil. Z Cultural, 2022.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. Novas diretrizes para a proteção do patrimônio: a diversidade cultural e o imaterial. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 12, p.40-63, dez. 2012.
- CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. **Design e artesanato**: uma reflexão sobre as intervenções realizadas na costa do descobrimento – BA. 129 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2003.
- DEPAULO, J. R., HORTIZ, L. A. **Understanding Depression**; Jonh Wiley & Sons. 2000.
- DIGBY, Simon. Export industries and handicraft production under the Sultans of Kashmir. **Indian Economic and Social History Review** [S.l.], v. 44, n. 4, p. 407-423, Oct-Dec 2007.
- DONDIS, A. Donis. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo, Martins Fontes, 2000.
- DORMER, P. **The Culture of Craft**: Status and Future. Manchester University Press, 1997.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. MACHADO, Maia de Lourdes Santos (trad.). São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FONSECA, Erika Luiza da. O bordado como representação simbólica no atendimento arteterapêutico. In: **Arterevista**, n. 5, jan./jun. 2015, p. 43-5.
- GALLARDO, Luís; CAMPAYO, Javier García. **Happytalismo**: um novo sistema para promover a felicidade global. Osasco–SP: Voo, 2024.
- GUEDES, Maria Heliana Mota; GUEDES, Helisamara Mota; ALMEIDA, Martha Elisa Ferreira de. Efeito da prática de trabalhos manuais sobre a autoimagem de idosos. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, Rio de Janeiro–RJ, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.



IBARRA, María Cristina. **Design como correspondência: antropologia e participação na cidade**. Recife: Ed. UFPE, 2021.

INGOLD, Tim. **Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description**. Routledge, 2011.

_____. **Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture**. Routledge, 2013.

LAMPEN, Alle. Handcraft in Europe. **From the late Middle Ages to the early modern period**. Zeitschrift Fur Historische Forschung [S.I.], v. 28, n. 4, 2001, p. 595-598.

LUCIANO, Tereza de Medeiros. **Os espaços de memória**. São Paulo: Editora Baraúna, 2016.

MANZINI, Ezio. Design, **When Everybody Designs: An Introduction to Design for Social Innovation**. MIT Press, 2015.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MENESES, José Newton Coelho. Patrimônio e Memória. **UNESP – FCLAs – CEDAP**, v. 5, n.2, dez. 2009, p. 19-33.

MOURÃO, Nadja Maria; OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro. Cultura afetiva: a construção do ser brincante no contexto urbano externo. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. Vol.06, artigo n.º1789, ed. especial, mar/2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NORONHA, Raquel Gomes; FURTADO, Pedro Amador de Sá. **Designers do por vir: vida, movimento e corporeidade**. In: simpósio de design sustentável, 2021, Curitiba - remoto. Anais do VIII SDS 2021. Curitiba: Departamento de Design da UFPR, 2021.

OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro; MOURÃO, Nadja Maria. **O crochê em intervenções urbanas: o fazer geracional formador de lugares culturais afetivos**. Anais do II Congresso Internacional de Estudos em Cultura, on-line, v.2, 2020. Disponível em: <https://tupa.claec.org/index.php/culturas/2020/paper/view/1835>. Acesso em: 21 abr. 2025.

_____; _____. CASTRO, Flávia Neves de Oliveira; Design e o crochê no universo feminino, p. 540-553. In: **Anais do Colóquio Internacional de Design 2020**. São Paulo: Blucher, 2020. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/cid2020-42.

PALUDAN, Lis. **Crochet: History & Technique**. Loveland, CO: Interweave Press, 1995.

PAPANEK, Victor. **Design for the Real World - Human Ecology and Social Change**. Londres, Editora Thames and Hudson, 1985, 387 p.



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_
X SDS 2025 - Sustainable Design Symposium

**3 a 5
DEZ
2025**

São Luís - MA



PONTE, R.; NIEMEYER, L. **Criatividade no processo de design:** do projeto ao uso de produtos. Arcos Design. RJ: PPD.ESDI–UERJ, vol.7, n.º1, pp. 102-114, jun./2013.

SANTOS, Thiago de Sousa. **O Artesanato como elemento impulsionador no Desenvolvimento Local**, 2010.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Dopamina**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/dopamina.htm>. Acesso em: 24 abr.2024.

TURNEY, Joanne. **Culture of knitting**. English ed. Oxford; New York: Berg, 2009.

VERAS, E. K. R. S. **Crochê e Richelieu:** Traços Culturais no Design Brasileiro Diseño en Palermo. Encuentro Latinoamericano de Diseño, Palermo, 2007.